

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.14012019323-326>

AS CHAPAS QUEBRADAS (CONTO)* *THE BROKEN PLATES (SHORT STORY)*

Carl Sadakichi Hartmann

Tradução: Antonio Carlos Santos

Houve um tempo em que também eu queria me tornar um proeminente fotógrafo artista. Mas a luta por fama e reconhecimento de qualquer tipo é fútil. Sua realização depende de inúmeras pequenas circunstâncias totalmente fora do controle humano. Pelo menos, tem sido assim pra mim.

Meu pai era um pintor de alguma reputação; herdei dele meus instintos artísticos, um sentimento ávido de apreciação. Mas sendo por natureza um sonhador – a antecipação do futuro sempre rouba o prato diante de mim de seu sabor – não tenho nem a paciência, nem a perseverança para me submeter a um treinamento árduo da mão e do olho. Deixei-me levar pela fotografia em grande parte com a esperança de que seu mecanismo iria suprir o que eu havia falhado em alcançar. Logo entendi que estava seriamente equivocado; a ação do mecanismo e o acaso, que desempenha um papel tão caprichoso em fotografia, exerciam, no entanto, uma estranha fascinação sobre mim. A alegação do artista de que nada de artístico poderia ser produzido pela câmera me enchia de indignação e eu, corajosamente, me pus a trabalhar. Anos de labor voluntário se seguiram; eu estava determinado a vencer. Mas o mundo, que parecia tão lindo em meus sonhos acordados, se mostrava opaco e frio no papel. A espontaneidade de minha visão pictórica era invariavelmente perdida na tradução. Apenas uma vez cheguei muito perto de minha ideia. Mas o fracasso, devido a um acidente ingovernável, destruiu todas as minhas esperanças de algum dia realizá-la.

A história que tenho pra contar é sem enredo e incidentes emocionantes; tão simples como o caso cotidiano mais comum do qual as pessoas quase não tomam conhecimento. E, no entanto, pra mim parece mais importante do que qualquer história jamais escrita.

Eu estava em algum lugar na costa do Maine. O nome do lugar não tem muita importância, assim como o nome de minha heroína. Havíamos nos hospedado no mesmo hotel, no entorno de uma antiga e singular vila de pescadores. Os outros hóspedes – um monte de puritanos meio chatos sem nenhuma ideia de como a vida deveria ser desfrutada – não tinham nada em comum com nossas inclinações; dispensávamos com alegria sua companhia e tentávamos desfrutar um do outro. Nossa excursão favorita eram, claro, as dunas. Ambos sentíamos o mesmo desejo de perambular; aventurar-se no calor do sol; vasculhar a praia e o espaço em volta. Passávamos o tempo discutindo arte e literatura e os princípios da sociedade moderna. Ela sempre zombava da ambição de me tornar um fotógrafo “de arte”. Já estava acostumado e não dava bola. Sabia que minha oportunidade ia acontecer algum dia e estava determinado a que minha bela moqueuse fosse útil no

* Este conto foi publicado em *Camera Work*, n. 6 (abril 1904), p. 35-39.

meu sucesso final. Havíamos desenvolvido afeto um pelo outro. Eu estava encantado por sua franqueza apaixonada e inteligência apurada. Até mesmo as notas de discordância em nossos caracteres – como qualquer jovem que nada no lago do amor, brigávamos e nos excitávamos desnecessariamente com o acontecimento mais mínimo – só a faziam mais preciosa pra mim. Ela me satisfazia com sua rebeldia quando mantinha suas posições contra mim.

Naquele dia, quando minha ingênua história era encenada, ela vestia um casaco de sarja branca e saia, com um cinto cor de biscuit e uma fita do mesmo tom em volta de seu chapéu de marinheiro. Ela estava sentada olhando pra mim, ocupado com minha estúpida e velha máquina, o período amável que ela se comprazia em conceder a minha câmera, seus pés apoiados e as mãos fechadas abaixo dos joelhos. Era uma linda tarde de outono. O sol havia esquentado as velhas rochas e o amplo horizonte se abria diante de um céu deslumbrante. O capim balançava, corpos verdes com a melodia e o vento, e o oceano fazia marolas e sussurrava para os seixos na praia. A conversa tinha chegado a uma pausa. Então, comecei:

“Este dia parece ser a realização de meu sonho. Depois de tudo, fiz bem em permanecer fiel a ele. Ele floresceu ao longo dos anos em uma planta de maravilhoso crescimento, enchendo minha vida de perfumes. E agora chegou a hora de fazer sua colheita.”

“Você é incorrigível. Você possui em alto grau a qualidade fatal de ver objetos em um halo de aperfeiçoamento.”

“Mas será que você não vê as condições perfeitas para se produzir uma obra prima como nunca antes foi feita? Veja como a água está clara na praia; só pelo matiz mais brilhante dos seixos cobertos a margem do mar pode ser narrada. É como uma terra lendária e você é a fada-rainha que anima a cena.”

“Você está maluco hoje?”, ela perguntou, olhando os morros topázios para além da baía. A mancha de um vermelho opaco em sua bochecha deveria ter deixado escapar para mim seus pensamentos, mas eu estava tão absorto nas linhas e valores da cena que eu só a vi como um reluzir passageiro, um brilho branco em minha composição.

“Oh, só estou intoxicado pela beleza do dia”, repliquei, fazendo um gesto abrangente com meu braço. “A vida me trouxe finalmente o que eu pensava, não sou, apesar de tudo, nenhum cavaleiro em uma busca fútil, como você disse. Desta vez, vou agarrar o sonho antes que ele fuja.”

“Bom, vamos ver se seu sonho se torna realidade”, e ela se levantou com um sorriso cansado em seus lábios e olhou na direção do mar.

“Fique nessa posição!” gritei entusiasticamente. Eu a via naquele momento como se uma cortina, que havia escondido sua beleza, tivesse sido subitamente arrancada. Com seus membros finos, seu corpo forte e esbelto claramente desenhado contra o céu, sua saia tremulando com o vento, ela me parecia a incorporação da juventude e da vida dinâmica.

Este era o sonho que eu havia guardado no santuário de meu coração. Toda a vida, eu havia ansiado por uma tal visão de juventude, fresca, viçosa e perfumada. E o dia calmo de outubro, o céu translúcido e o mar azul profundo, formavam um fundo

harmonioso para sua beleza. Trabalhei com precipitação febril. Não sei se simplesmente por minutos ou horas. Perdi a noção do tempo. Mudava minha posição a cada momento para analisar alguma nova maravilha pictórica. E, mesmo que ela fosse o centro de todo meu entusiasmo, eu parecia ter esquecido sua presença real. Ela aparecia para mim como uma donzela de algum conto de fadas deslizando no vento com vestidos brancos de neve com marcas douradas da luz do sol. E, no entanto, eu havia notado que de vez em quando ela me olhava com um interesse que aos poucos se tornava irritado.

“Olha, está feito”, gritei. “Consegui.”

“Você age como nunca tivesse tirado uma foto antes.”

“Não tirei mesmo – não como essas”, gritei. “Elas serão surpreendentes. Achavam que eu não era capaz. Mas está feito.” E eu queria envolvê-la em meus braços e premir um beijo em seus lábios, mas ela escapou a meu domínio.

“Não está contente por eu ter conseguido?”

“Sim, claro; mas sou bom juiz em tais assuntos.” Suas palavras tinham som peculiar, grave, mas eu estava ainda muito feliz para captar todo seu sentido.

“Oh, você está!”, exclamei. “Mas não é maravilhoso que haja um mundo inteiro em nossa volta para olhar por anos e anos? E, no entanto, nunca estamos conscientes dele, nunca o vemos até que algum súbito momento feliz o revele para nós. E eu devo tudo isso a você!”

“Me ignorando”, disse me reprovando.

Agi como se não tivesse ouvido suas palavras. Era apenas um de seus humores. Ela o iria ultrapassar. Arrumei minhas coisas e começamos a voltar. Um vento frio soprou por entre as dunas. O sol estava rapidamente se pondo no mar escuro. Toda a cena, um momento tão prazeroso antes, parecia sem cor e extremamente monótona. A magia havia passado. Viria ela em meu socorro, pensei, com um sorriso ou uma palavra amiga, ou o desencanto se instalaria fornecendo as consequências de meu momento de triunfo. Ela permaneceu em silêncio e seu olhar estava longe, para além de mim, na baía.

A volta se torna difícil quando cada passo adiante é uma descida morro abaixo. Escolhíamos nosso caminho descuidada e silenciosamente lado a lado em direção à praia. Em uma saliência repentina, seu equilíbrio hesitou e eu estiquei meus dois braços para apoiá-la. Ao fazê-lo, o estojo com as chapas, que eu havia descuidadamente jogado sobre os ombros, escorregou, caiu e bateu no chão com um baque seco. Fiquei perplexo. Elas haviam batido em uma pedra. Nenhum amante de joias, temendo ladrões, jamais abriu seu estojo com uma aflição mais febril do que eu, o meu estojo com as chapas em seu interior. Estavam todas quebradas, esmigalhadas em fragmentos.

Meu sonho acabou. Poderia ter sentado ali mesmo, o rosto mergulhado nas mãos, e chorado. Olhei pra ela. Havia um brilho estranho em seus olhos; foi embora tão rápido como veio, mas me pareceu uma expressão vaga de alegria maliciosa sobre o acidente.

“Oh, sinto muito!” seus lábios murmuraram.

“Está mesmo?” perguntei zombando. “Você não tem ideia do que essa perda significa pra mim. Você não compreende.”

Olhei inquisitivamente seus traços escurecidos. Uma palavra com um toque de ternura poderia finalmente ter salvado nosso amor dos destroços de minha arte. Mas ela escolheu não dizer. Talvez fosse sua timidez a responsável pela decisão, talvez seu orgulho. Ela simplesmente respondeu, “Permita-me a ousadia.” Então, ajeitando-se, acrescentou com uma voz dura, “Você me acompanha ou tenho que ir pra casa sozinha?”

O que mais há pra contar? Sua indiferença em relação àquele momento desastroso me ofendeu profundamente e aos poucos destruiu todo meu afeto por ela. Também seus sentimentos em relação a mim haviam mudado. A maneira pela qual eu estava destinado a nunca realizar nada de valor duradouro havia construído uma barreira intransponível entre nós.

Ainda pertenço à pequena classe de trabalhadores fiéis e às vezes acontece algum estalo. Ainda vivo no reino dos sonhos, mas estou mais do que nunca convencido de que nada os levará a sua realização. Talvez você pergunte por que me falta a coragem para tentar outra vez. Oh, eu tentei de novo, mas em vão. As condições nunca mais serão tão perfeitas de novo como naquele dia. Está bom, talvez eu encontre outra mulher que vai me parecer tão linda quanto ela naquela hora e, se for suficientemente paciente, também um outro dia de outubro me ajude com todo seu charme radiante de verão, mas poderia eu invocar as mesmas emoções que me inspiraram? Talvez você argumente que sou por demais exato, que a harmonia daquela cena era meio imaginária, uma visão suavizada pelo êxtase do amor. Duvido. Acredito que naquela hora as notas correspondentes de nossas duas naturezas soaram até o mais profundo e alcançaram um acorde totalmente harmonioso e que sua beleza estava tão influenciada pela minha presença, quanto minha inspiração pela presença dela. Mas mesmo que o seu argumento fosse verdadeiro eu não poderia ter coragem suficiente para viver a vida outra vez. E isso é o fim pra mim.

Minha fama foi enterrada com aquelas chapas. E se você soubesse, como eu, quantas esperanças vagas são destruídas por acidentes e influências assim incontroláveis, quantas demonstrações de gênio são enterradas antes de terem visto a luz do dia, você concordaria comigo que a luta pela fama é a mais fútil de todas as batalhas.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.